

# **Aulas de Dança de Salão: superação ou manutenção do machismo e da heteronormatividade**

Francisca Jocélia de Oliveira Freire<sup>1</sup>

**Resumo:** Trata-se de aspectos gerais da pesquisa em andamento no âmbito do Mestrado Profissional em Dança, da UFBA, que tem como objeto a relação entre as aulas de Danças de Salão e as questões de machismo e heteronormatividade. Pressupõe que nas aulas de Danças de Salão é recorrente a utilização de um formato tradicional e tecnicista de ensino, que desconsidera questões críticas relacionadas à sociedade, sendo a ação das (os) instrutoras (os) determinante para reprodução de um *status quo*. Tem como principal referencial teórico D'Ávila e Ferreira (2018), sobre concepções pedagógicas; Polezi e Vasconcelos (2017), Pazetto e Samways (2018), e Nunes e Froehlich (2018) nas relações entre a teoria Queer, os estudos de gênero e as Danças de Salão; Carla Akotirene (2018), sobre interseccionalidade; e Guacira Lopes Louro (1997), para as relações entre sexualidade e educação.

**Palavras-chave:** Danças de Salão; Estudos de Gênero; Heteronormatividade; Machismo; Ensino.

## **1. Introdução**

O presente trabalho aborda alguns dos principais aspectos da pesquisa em andamento no Mestrado Profissional em Dança desenvolvido no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que tem como objetivo possibilitar uma análise crítica acerca do atual formato das aulas de Danças de Salão e sua constituição, colaborando para construção de ações pedagógicas que fomentem e difundam as Danças de Salão a partir de bases teóricas e metodológicas que tratam de perspectivas pedagógicas feministas e interseccionais. Para tanto, compreendemos que se faz necessário identificar os aspectos presentes nas aulas de danças de Salão que funcionam como mecanismos para manutenção do seu formato tradicional machista e heteronormativo. Esta pesquisa é um convite para instrutoras, instrutores e demais profissionais de danças de salão a

---

<sup>1</sup> Professora de Danças de Salão. Mestranda do Programa de Pós-graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia. Especialista em Metodologia do Ensino.

repensarmos o formato tradicional das aulas, acessando estudos que abordam as Danças de Salão por uma perspectiva contemporânea, entendendo como construir um planejamento adequado a estas perspectivas pedagógicas para as Danças de Salão, para então propor ações educacionais que abordem analítica e criticamente questões sexistas, de gênero, feministas, e heteronormativas nas aulas de Danças de Salão.

No que tange à metodologia, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, especificamente como pesquisa-ação, que objetiva prioritariamente, de acordo com Nunes e Infante (1996, p. 100), “equacionar os problemas por meio do levantamento de soluções e propostas de ações para transformação da realidade. O resultado do trabalho é proveniente da troca de saberes entre pesquisadores e profissionais da organização”. Faz-se necessário afirmar ainda a intenção da transformação de nossa própria prática docente em dança, conforme Brown e Dowling (2001, p. 152), por ser “pesquisa-ação é um termo que se aplica a projetos em que os práticos buscam efetuar transformações em suas próprias práticas”.

Desta forma, iniciamos com um levantamento teórico que colaborou no entendimento dos conceitos utilizados, e, em seguida, foi feito um levantamento do número de professoras e professores atualmente atuantes em aulas na cidade de Salvador, Bahia, para aplicação de questionário para quem atua em turmas regulares nesta localidade.

A aplicação do questionário tem o intuito de identificar suas formações profissionais, suas concepções pedagógicas, como realizam o planejamento, se as questões levantadas nesta pesquisa são abordadas durante suas aulas, quais as nomenclaturas utilizadas, e se nas aulas existem papéis determinados para homens e para mulheres. No entanto, considerando o pressuposto de que no âmbito do ensino de Danças de Salão há uma diferença entre ser professor identificado como homem e ser professora identificada como mulher, para as pessoas que se identificam como mulheres também é aplicado um segundo questionário, direcionando para compreensão das experiências vivenciadas por professoras mulheres em sala de aula de Danças de Salão.

Após compreender o perfil dos profissionais que trabalham diretamente com o ensino das Danças de Salão, serão propostos encontros com intuito de possibilitar uma análise crítica acerca do atual formato das aulas, e, desta forma, colaborar para construção de ações pedagógicas que fomentem e difundam as Danças de Salão a partir de possibilidades metodológicas que tratam do ensino de forma feminista e interseccional.

Sobre a perspectiva de aprendizagem do movimento, acredito ser interessante utilizar os temas de movimento de Rudolf Von Laban (1879-1958) como ponto de partida que possibilita refazer e repensar o modelo de ensino da Dança de Salão, considerando o fato deles

apontarem “possibilidades múltiplas do movimento no processo educativo, oferecendo uma movimentação menos restrita, mais criativa e de acordo com o desenvolvimento global da pessoa, seja ela criança, adolescente, jovem e mesmo adulto” (RENGEL, 2008, p. 13). Rengel afirma que “a noção de que corpo e mente fazem parte de uma mesma realidade é a base da arte de Movimento de Rudolf Laban” (RENGEL, 2005, p. 13), e o mesmo “se insere no rol de grandes estudiosos que nos deixaram legados preciosos, no que concerne a entender corpo como processo de natureza e cultura, junto”. (RENGEL, 2008, p.7).

Tendo como público-alvo profissionais atuantes no ensino de Dança de Salão, a priori, curso será dividido em módulos, elaborados a partir da análise dos dados levantados durante a primeira etapa da pesquisa - levantamento bibliográfico e resultados da aplicação dos questionários -, e cada encontro ocorrerá em escolas que oferecem aulas de Danças de Salão em seu cotidiano, compreendendo a necessidade da intervenção proporcionar um encontro constante dos profissionais em seus próprios ambientes de atuação.

## **2. Contextualização histórica**

É importante conhecer alguns pontos da história para entender os caminhos que deram as características presentes nas Danças de Salão no formato tradicional que a conhecemos hoje. As pessoas sempre utilizaram a Dança para expressar suas experiências cotidianas, como aponta Garaudy (1980, p. 27) “O homem dança para falar sobre o que ele honra ou sobre o que o emociona”.

As correntes migratórias dos povos da Europa Central nos séculos IV e VI fizeram surgir, com o declínio do Império Romano, a raiz etimológica da nossa palavra “baile”, do inglês “ballroom” ou “ballatio” (Dança aos pares, em oposição a “chorea” que indicava Dança de roda, normalmente ou de mulheres ou de homens, e “sallatio” que significava Dança saltitante), e da mesma raiz se desenvolveu a palavra Germânica “weller” (valsa) (Ried, 2003, p. 8).

As Danças sociais surgiram no período entre Idade Média e o Renascimento, com objetivo de distinguir as classes sociais. Aprender determinadas danças era um costume da formação educacional da Aristocracia, que praticava Danças que expressavam comportamentos ditos requintados, que eram atributos considerados indispensáveis para aceitação em sua classe social. Surgiu, então, a necessidade de profissionais aptos a exercer a função de ensinar tais habilidades, professores de etiqueta e de Dança passaram a

desempenhar este papel, tendo como uma de suas finalidades a distinção entre as classes sociais da nobreza e da classe dita baixa, que praticava as chamadas danças folclóricas.

Uma das mais antigas Danças de Salão é a Valsa, sendo sua prática proibida em 1550, pela Câmara Municipal da Cidade de Nuremberg (Alemanha), por considerar a Valsa um risco aos bons costumes e por ter sua origem plebeia. No final do século XVIII, a Valsa é apresentada pela primeira vez em palco, em uma encenação da ópera “Uma Cosa Rara”, causando a sua valorização diante a população.

Meio século depois, no primeiro ano de competição de Dança de Salão em Nice, França, ano de 1907, como consequência do trânsito naval, o Tango conquistou a Europa. Houve uma tentativa de imperadores, reis, e até mesmo do Papa, de impedir sua prática, mas o Tango já tinha ganhado popularidade e, se criou o costume de se dançar nos chamados “Chá de Tango”, onde em grandes hotéis se dançava em plena tarde, comportamento considerado inaceitável para os padrões sociais da época. Um fato marcante, ocorrido em 1909, foi o surgimento dos primeiros Clubes de Dança de Salão e a disputa do primeiro Campeonato Mundial.

Porém, com a Primeira Grande Guerra, o ato de dançar foi proibido na França e na Alemanha, e com isso o Tango acabou perdendo sua popularidade. A Inglaterra apropriou-se dos novos ritmos trazidos do chamado Novo Mundo, com a finalidade de usá-los como distração para os soldados. A Dança acabou por se adaptar aos costumes ingleses, extremamente minimalistas, o que impedia o exagero. Os passos foram padronizados e surgiu o denominado “estilo Inglês”.

Em 1924, considerado um ritmo genuinamente latino, o Samba conquista as pistas dos bailes da Europa. Logo depois, vinda do Caribe, a Rumba passa por Nova Iorque e, em 1931 chega aos salões europeus, sendo proibida na Alemanha, por ser julgada, pelos Nazistas, como uma “Música Desfigurada”. Surgem outros ritmos durante a Segunda Grande Guerra: Boogie, Jive e Jittebug partindo de Blues, Swing e Lindy Hop, e nos anos 1950 aparece o Rock’n Roll, originado do Jittebug, Boogie e Jive, sendo considerado uma manifestação da geração pós-guerra.

Na década de 1960, iniciaram-se as coreografias em grupo, resultante da criação de professores de Dança de Salão e a indústria cinematográfica de Hollywood. Já nos anos 1970 uma nova forma de se dançar a dois emergiu, sem contato físico, promovendo a sistematização de passos para facilitar o diálogo entre os parceiros. Filmes, como Saturday Night Fever, do ano de 1975 e Dirty Dancing de 1987, trazem de volta às pistas de dança, a maneira de se dançar a dois abraçados.

Assim, a Dança de Salão, hoje, é o resultado de tantas influências que a desenharam durante todos esses séculos, retratando as características presentes em diversos momentos sociais, e, conseqüentemente, essas Danças de Salão estão impregnadas das crenças de uma concepção civilizatória ocidental, eurocêntrica, machista e patriarcal na qual foram construídas. No entanto, a complexidade, resultante da contemporaneidade, vem tornando necessário o desafio de refletir estes paradigmas e nos aponta a necessidade de repensar a forma como ensinamos e como propagamos tais danças.

### **3. O Ensino das Danças de Salão**

As aulas das Danças de Salão têm sido desenvolvidas a partir de elaborações de passos e sequências coreográficas que costumam ser ensinadas conforme modelo tecnicista e tradicional de ensino de dança, em que quem aprende precisa imitar o que é demonstrado por quem ensina, porém, neste formato se determina uma co-dependência para o desenvolvimento de passos e sequências, aprisionando o dançar à repetição do que foi elaborado em aula. Isso pode ser consequência de aulas ministradas por pessoas que não necessariamente passaram por uma formação para atuar como professor de Dança, considerando que um número significativo de pessoas que ministram aulas de Dança não são professores licenciados, e, conforme apontam D'Ávila e Madeira (2018), não acessaram teorias que tratam de:

Concepções pedagógicas que reúnem fundamentos didáticos da prática docente, a saber: compreensões sobre os processos de ensinar e aprender, objetivos educativos e didáticos, organização e mediação de conteúdo, métodos e avaliação da aprendizagem. Muitos professores ensinam sem o devido conhecimento dos saberes que sustentam sua própria prática – saberes pedagógico-didáticos. Breve, são estes saberes que presidem a prática pedagógica de professores. (D'ÁVILA; MADEIRA, 2018. p. 21)

Ainda de acordo com D'Ávila e Madeira (2018), esse tipo de ensino encontra-se atrelado à concepção academicista que apresenta 3 características:

Primeira “a concepção de ensino como transmissão de conhecimentos do tipo abstrato, revela uma crença de que os conhecimentos são informações – dados externos ao indivíduo e passíveis de transferência”, característica que foi criticada por Paulo Freire a qual ele denominou de “Educação Bancária”, a segunda “A prática pedagógica, nessa tendência, está baseada na observação e imitação de modelos docentes do passado. Docentes reproduzem a prática de ensino de seus professores ancestrais. Isso implica demasiadamente a falta de profissionalização do docente, pouco implicado com a área pedagógica”, a terceira “o ensino referenciado no professor, ou ensino autorreferenciado. O professor é único mediador do conteúdo, e os alunos possuem um papel passivo; quando participam, o fazem de forma muito tímida. Como se o objetivo do ensino fosse o ensino em si e não a aprendizagem. O resultado de tudo isso é um trabalho docente mecânico,

repetitivo, pouco analítico e classes desestimuladas”. (D’ÁVILA; MADEIRA, 2018. p. 25)

D’Ávila e Madeira (2018) apontam para a questão da aproximação dos professores universitários a teorias que dão embasamento às concepções pedagógicas. Concepções estas que envolvem o processo de ensinar e aprender e como a falta de aproximação com os saberes pedagógicos influenciam na atuação do profissional docente. Junto a esses questionamentos é mencionado o ensino que ainda utiliza formatos tradicionais de reprodução e como isso representa uma desqualificação profissional. Ao analisar o que vem a ser profissão, ofício e ocupação, estas autoras nos permitem elencar concepções pedagógicas que dão suporte às práticas docentes.

A partir desta análise, reiteramos a necessidade de instigar o sujeito do processo de aprendizagem a pensar, conhecer o seu corpo na realização de cada movimento, o que resultará em uma forma mais significativa de aprendizado de danças.

Além dos aspectos educacionais mencionados, as Danças de Salão ainda têm enraizados comportamentos, nomenclaturas e atitudes que funcionam como mecanismos de manutenção de uma sociedade construída a partir de uma visão machista, sexista, heteronormativa e patriarcal. Entre outros aspectos que compõem o ensino da Dança de Salão, encontramos a desvalorização da professora identificada como mulher em relação à supervalorização do professor identificado como homem, ratificando o fato das Danças de Salão estarem diretamente vinculadas a uma sociedade onde o homem é o centro do poder nas decisões consideradas importantes econômica, política e socialmente. Sobre estes aspectos nas Danças de Salão, Polezi e Vasconcelos (2017), afirmam:

Trata-se da expressão máxima da dominação do homem sobre a mulher, legitimando que ele exerça o controle sobre os movimentos de seu corpo: “o homem é aquele que dita a dança, que cria e se expressa artisticamente, enquanto a mulher deve ocupar uma posição de seguidora, sem poderes para propor movimentações ou interpretações na dança”, de modo que a condução é “primordial na perpetuação do discurso machista e patriarcal” (POLEZI, VASCONCELOS, 2017, p. 171).

Polezi e Vasconcelos (2017), abordam a forma que o poder é estabelecido no formato tradicional das Danças de Salão através do protagonismo dado ao homem, afirmando que “a relação de poder dos homens sobre as mulheres na dança de salão é expressada principalmente através da condução, que é o ato de o homem levar a mulher a realizar os movimentos dancísticos, enquanto ela responde aos estímulos.” (POLEZI, VASCONCELOS, 2017, p. 68).

Para tratar do papel da mulher e do homem nas Danças de Salão, condução, e gênero, Pazetto e Samways (2018), apontam, através da teoria *queer*, um entendimento tradicional das Danças de Salão. Afirmam que “a partir da teoria queer, defenderemos que a dança de salão tradicional é uma cultura que reforça a divisão binária dos gêneros, a atribuição de papéis e estereótipos de gênero normativos, a submissão das mulheres e a naturalização da heterossexualidade.” (PAZETTO e SAMWAYS, 2018. p. 158). E reiteram que “como a iniciativa de qualquer movimentação é sempre do cavalheiro, as damas que se antecipam ou decidem propor movimentos são repreendidas nos ambientes de ensino, nos espaços sociais e nas produções coreográficas.” (PAZETTO e SAMWAYS, 2018. p. 171).

Assim, a análise não só de fatores técnicos de execução das Danças de Salão, mas também de fatores sociais, é indispensável para o surgimento de questionamentos críticos que direcionem para a elaboração de ações pedagógicas acerca dos processos de aprendizagem e transformação das concepções.

Muitas são as discussões acerca dos papéis estabelecidos nas Danças de Salão, e também são diversas as discussões sobre as concepções pedagógicas acerca da aprendizagem, enquanto professores, relacionar ambas é fundamental para repensar o formato em que se encontra o ensino desta técnica, e a partir disto, construir um ensino que colabore na discussão e análise da atual conjuntura da nossa sociedade e seu formato através da Dança, possibilitando discussões que apresentem uma base de construção metodológica que possibilite a realização de ações educacionais que tratem do ensino das Danças de Salão por uma concepção que entenda o papel do professor como fator importante para quebra dos mecanismos de manutenção do *status quo* presentes nas Danças de Salão. Assim, chegarmos a mudanças necessárias para construirmos uma Dança menos machista, sexista, e abusiva, entre outros aspectos. Como afirmam Valle e Icle,

A dança ensina mais do que passos de dança e modos de mover. Ela ensina comportamentos, condutas, regras, estéticas e vontades. Esses elementos não estão apenas naquilo que o professor diz, tampouco naquilo que expressa o aluno, eles circulam pelos modos de fazer, de se movimentar. (VALLE & ICLE, 2014. p. 155)

Assim, propor uma possibilidade metodológica que estimula reformular o formato do ensino atrelada a bases teóricas que buscam repensar os mecanismos de manutenção social, exige de nós, professoras e professores de Danças de Salão, ações de diferentes portes, tendo como exemplo utilizar nomenclaturas que colaborem para mudanças que consideramos necessárias e urgentes na Dança de Salão, substituindo as denominações *damas* e *cavalheiros* por *conductoras* (es) e *conduzidas* (os), ou outras possibilidades, o que colabora na não

determinação de quem *comanda* é o homem e quem *obedece* é a mulher durante a dança, promovendo uma reflexão, como afirma Polezi e Silveira (2017):

Reflexão sobre esses lugares do masculino e feminino na dança são fundamentais para pensarmos outras estratégias de prática e, sobretudo, de ensino, de forma a romper com os padrões culturais dominantes e utilizar a dança como veículo de igualdade de gênero e superação de preconceitos, uma vez que essa atividade é social e amplamente difundida. (POLEZI; SILVEIRA, 2017. p. 71)

Dar liberdade para os participantes da aula decidirem o caminho que querem construir dentro desta técnica, podendo aprender as duas funções/ações, e criar novas possibilidades, é uma forma de quebra de paradigmas em sala de aula, entendendo que “dentre os diversos elementos constituintes da prática da dança de salão, um possui extrema relevância nos dias atuais: a condução” (NUNES; FROEHLICH, 2018. p. 93). Estes autores apresentam estudos acerca da condução e propõem um novo olhar para este elemento tão tratado nas Danças de Salão, para isso, se apropriam da pesquisa feita por FEITOZA (2011), um dos primeiros a tratar, em sua dissertação de mestrado, sobre questões atreladas à condução nas Danças de Salão propondo a “Cocondução”.

No que diz respeito aos estudos de gênero e sexualidade encontraremos em Guacira Lopes Louro (1997) o processo histórico que colabora para estabelecer estas noções a partir do feminismo contemporâneo. A autora faz emergir alguns pontos que colaboram para o entendimento do papel da mulher nas Danças de Salão, considerando que “A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito” (GUACIRA, 1997, p. 17), o que, consequentemente, resultou no papel estabelecido para as mulheres nas Danças de Salão.

Esta abordagem é indissociável do que aponta Carla Akotirene (2018), quando trata da interseccionalidade, uma categoria teórica que possibilita uma análise múltipla de sistemas de opressão, entre eles, a construção do poder estabelecido socialmente no sistema cis-hétero-patriarcado, o mesmo que serve como modelo para as determinações estabelecidas no formato tradicional das Danças de Salão.

#### **4. Caminhos da pesquisa**

Para compreender os caminhos da pesquisa é preciso entender os caminhos percorridos enquanto professora, sempre observei o quanto as professoras mulheres em aulas de Danças de Salão ocupam um lugar secundário, no entanto, isso não acontece apenas em aulas regulares, mas também em eventos, cursos, workshop, congressos, espetáculos onde a

valorização e reconhecimento de resultados são sempre direcionados para os professores homens.

Diversas situações que vivenciei, enquanto professora e dançarina, me fizeram repensar e questionar os comportamentos reproduzidos neste ambiente, desta forma, iniciei pequenas ações para transformar a minha sala de aula, tendo atenção e não permitindo a reprodução de determinados discursos. Entendi que precisava ter tanto conhecimento quanto qualquer outro professor homem, passei a fazer questão de direcionar as aulas, de preparar, e planejar, de decidir o que seria tratado, e muitas vezes ministrei aulas sozinha para provar para mim e para alunos e alunas que não fazia diferença entre ter um professor e uma professora, mas o conhecimento e a competência que seria o fator primordial para definir a qualidade do profissional.

Desta forma, passei a ser uma professora atuante em todas as aulas que participo, seja em parceria ou não, e, conseqüentemente, comecei a ter um olhar crítico cada vez maior sobre todas as ações que tivesse relação com a atuação de professores e professoras em aulas de Danças de Salão, e cada vez mais fui percebendo como pequenas atitudes são impregnadas de machismo e como a heteronormatividade impera nos espaços de Danças de Salão.

Diante desta realidade, passei a entender que essas questões precisavam ser colocadas para o debate, discutidas de alguma forma, e através de uma pesquisa acadêmica a validade e importância dada a tais questões seria ainda mais eficiente, utilizando bases teóricas que também abordem tais assuntos, sendo essa uma forma de fortalecer a pesquisa e entender aspectos presentes nas relações estabelecidas socialmente e que são resultantes de determinada forma de pensar a Dança, neste caso, as Danças de Salão.

No entanto, mesmo sabendo e conhecendo um número significativo dos profissionais e das profissionais atuantes nas aulas de Danças de Salão em Salvador, Bahia, para realizar a pesquisa, tornou-se necessário conhecer o que cada profissional entende sobre suas ações em sala de aula, e assim, surge a necessidade de construir questionários para diagnóstico de aspectos referentes ao cotidiano do ensino das Danças de Salão e aos profissionais atuantes em aulas.

Os questionários foram aplicados nos meses de novembro e dezembro de 2019. Para um total de 55 profissionais, foi enviado o questionário 01, e apenas para quem se identificou como mulher<sup>2</sup> foi enviado também o questionário 02. Também será aplicado um questionário para alunos e alunas das turmas de Dança de Salão que ocorrem regularmente em Salvador,

---

<sup>2</sup> no questionário a pessoa que o respondia tinha diferentes opções de identidades de gênero, no caso de identificar-se como mulher, poderia indicar-se como cis ou trans.

com o intuito de comparar a realidade posta por professores e professoras nos questionários aplicados e a visão dos alunos e alunas, desta forma, perceber se o discurso apresentado pelas e pelos profissionais se refletem nas colocações das alunas e alunos.

A partir dos resultados que encontrados na análise das respostas aos questionários, uma série de encontros formativos para discussão dos aspectos fundamentais desta pesquisa serão realizados, sendo o momento de intervenção direta nas realidades dos processos de aprendizagem das Danças de Salão.

Tendo como público-alvo profissionais atuantes, auto-identificados como instrutores ou professores de Danças de Salão, esta série de encontros busca abordar aspectos técnicos e sociais do ensino das danças de salão, a partir de historiografias, discursos e realidades sociais destas danças que reproduzem e mantém uma sociedade machista e patriarcal. Buscaremos ainda questionar o papel da mulher, em uma análise dos aspectos que determinantes, compreendendo as relações de poder que estão presentes na sociedade e se refletem nas Danças de Salão, analisando também o papel de instrutores e professores.

Nestes encontros ainda se tem como ponto importante promover uma discussão sobre o que viriam a ser bases teóricas e metodológicas para o ensino das Danças de Salão, questionando: Quem fala e quem escreve sobre Danças de Salão? Quais tendências pedagógicas são estudadas no ensino destas danças? Quais teóricos podem de fato ter uma aproximação com minha prática? Faz-se ainda necessário a aproximação com os teóricos que escreveram e escrevem sobre Dança de Salão analisando as perspectivas teóricas inseridas nos trabalhos mencionados, que convencionamos dividir em:

- a) Autores que tratam exclusivamente de relatos históricos;
- b) Autores que reuniram artigos, relatos de pessoas relacionadas a Danças de Salão;
- c) Autores que fizeram análise acerca das Danças de Salão, mas não propuseram mudanças;
- d) Autores que propuseram novas abordagens, teorias e formatos acerca das Dança de Salão.

Por fim, é fundamental questionar: Como construir ações pedagógicas para transformar as Danças de Salão na atual conjuntura social? Além de discutir aspectos de planejamento, neste momento o foco é a percepção do próprio discurso durante a prática docente: Como a minha prática enquanto professor colabora ou não para manutenção do machismo, do sexismo e da heteronormatividade?

Após a realização dos encontros, haverá a aplicação de um novo questionário para avaliar e compreender até onde tais discussões realmente colaboraram de forma efetiva para as ações das/dos profissionais participantes.

## **5. Considerações Finais**

As questões que ganham força na atualidade tais como o machismo, o sexismo, o papel da mulher na sociedade, a heteronormatividade, gênero, e relações de poder perpassam as Danças de Salão, por estas técnicas serem frutos - em retroalimentação sistemática - de uma sociedade patriarcal, machista e eurocentrada.

Ao longo do tempo, os agentes atuantes nas Danças de Salão continuam a reproduzir tais papéis que determinam como a mulher e o homem devem se portar. Diante da realidade mencionada, consideramos que um dos lugares que apresenta um grande potencial para reafirmar e reproduzir concepções machistas e heteronormativas é a sala de aula e a ação pedagógica dos profissionais que ensinam.

Desta forma, torna-se fundamental compreender as metodologias e as ações pedagógicas que são utilizadas por estes profissionais para construção das aulas, e que estão presentes na maioria das escolas, espaços, academias que oferecem ensino de Danças de Salão, reconhecendo as características que são comuns e servem como mecanismo de manutenção de uma aula com aspectos tradicionais não somente acerca da técnica, mas no que diz respeito à propagação de pensamentos machistas e heteronormativos.

Considerando a conjuntura das aulas de Dança de Salão, compreendemos ser necessário aproximar os profissionais atuantes às informações que são fundamentais para a transformação da prática pedagógica. Percebemos, nas aulas de Danças de Salão, que o que impera é a utilização de um formato tradicional tecnicista de ensino, onde aspectos críticos relacionados à sociedade não são considerados de forma efetiva, e que a ação do profissional atuante nestas aulas tem papel fundamental para reprodução de um *status quo*, e ao transformar este espaço é possível causar alguma transformação nos sujeitos frequentadores destas aulas.

Assim, o presente trabalho apresenta como ação primordial a realização de encontros para profissionais atuantes em aulas de Danças de Salão, com o intuito de facilitar o acesso a informações atreladas a discussões pedagógicas que tratam da análise de teorias que sustentam a/emergem da prática pedagógica e as características que fazem parte do processo de aprendizagem, bem como possíveis referências para construção de uma aula de Danças de

Salão que se torne um espaço de análise, crítica e superação do machismo e da heteronormatividade.

A partir disso, a proposta é levar os profissionais de danças de salão a aprimorar seus conhecimentos técnicos, se dedicarem a aprender a conduzir e a ser conduzidos ao mesmo tempo, não sendo mais professores reprodutores de passos apenas para mulheres ou para homens especificamente, mas com conhecimento para ensinar as Danças de Salão para qualquer pessoa, qualquer turma, em qualquer lugar.

Pois ainda percebemos em aulas de Danças de Salão que a valorização da professora do gênero feminino não é equivalente à valorização do professor do gênero masculino. Em situações em que as professoras ministram aulas em parceria com outros professores, o quanto essas mulheres são encaradas apenas como um corpo-objeto para demonstração de passos, e como a maioria não se expressava durante a aula, apenas ensinava a sua parte de *Dama*, quando é solicitada pelo professor homem. Além das aulas, podemos identificar que em eventos e apresentações o mesmo acontece: em diversos lugares apenas o nome do professor homem é citado, a imagem do professor homem é a valorizada, o nome deles vem sempre à frente independente de ordem alfabética, em aulas ministradas em congressos o microfone é dado para eles, eles direcionam as aulas, eles são aclamados.

O discurso de alguns profissionais e até mesmo de alunas e alunos acabam sexualizando a Dança, e reproduzem o discurso machista da sociedade com frases como: “Quem manda sou eu”, “Quem decide sou eu”, “Obedeça!”, “Dama boa não pensa!”, “Se me conduzir, eu faço!”, “Você é monitora? É... Mulher até que ensina bem!”. Dentre outras questões que reforçam tais pensamentos, ressaltamos ainda os bailes onde existem pessoas que acreditam que apenas o *Cavalheiro* pode convidar a *Dama* para dançar: ele escolhe, ele decide, ele determina.

Diante de tais situações, há a necessidade de mudar o discurso, não usando os termos *dama* e *cavalheiro*, mas, a priori, *conduzidoras (es)* e *conduzidas (os)*. Empoderar as mulheres instrutoras e professoras a ministrar aulas sozinhas e se tornarem professoras titulares dos ambientes onde tem turmas de Danças de Salão. Criar meios de tratar de questões que vão além da técnica dentro da sala de aula, a apresentar para alunas e alunos a possibilidade de estar no lugar que elas e eles queiram, conduzindo ou sendo conduzidas (os). Convidar outras professoras para ministrar aulas em parceria, passando pela experiência e ter protagonizando duas mulheres dando aula de Danças de Salão, na mesma sala, para uma turma mista.

Neste momento, percebemos ainda ações que são colaboradoras na manutenção e reprodução desse lugar machista, heteronormativo, sexista, colonizador que reproduz uma sociedade construída por homens, brancos, cisgênero, heterossexuais, cristãos. Após tantos

anos ministrando e participando de aulas percebemos que as salas de aula e o papel dos professores, suas falas, suas crenças, seus discursos colaboram de forma efetiva para a construção do pensamento de novos praticantes das Danças de Salão. Desta forma, partindo do princípio de que a sala de aula e a ação pedagógica do professor de Dança de Salão é um lugar de poder e nele podem haver transformações efetivas, esta pesquisa busca interferir na sala de aula e nas ações de professoras (es) de Danças de Salão para uma efetiva mudança de concepção destas práticas.

## Referências

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Rio de Janeiro: Letramento, 2018.

BROWN, A. & DOWLING, P. **Doing research/reading research: a Doing research/reading research mode of interrogation for teaching.** Londres: Routledge Falmer, 2001.

D'AVILA, Cristina & FERREIRA, Lucia. Concepções pedagógicas na educação superior: abordagens de ontem e de hoje. In: \_\_\_\_\_. **Ateliê Didático: Uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários.** Salvador: EDUFBA, 2018.

FEITOZA, Jonas Karlos de Souza. **Danças de Salão: os corpos iguais em seus propósitos e diferentes em suas experiências.** Salvador, 2011. 84p. Dissertação (Mestrado em Dança), Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia.

GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

NUNES, Bruno & FROEHLICH, Marcia. Um novo olhar sobre a condução na dança de salão: questões de gênero e relações de poder. **Revista educação, artes e inclusão**, v.14, n.2, p. 91-116, abr.-jun, 2018.

PAZETTO, Debora & SAMWAYS, Samuel. Para além de damas e cavalheiros: uma abordagem Queer das normas de gênero na dança de salão. **Revista educação, artes e inclusão**, v.14, n.3, p. 157-179, jul.-set, 2018.

POLEZI, Carolina & VASCONCELOS, Paola. Contracondutas no ensino e prática da Dança de Salão: a dança de salão queer e a condução compartilhada. **Artículo Presencia. Miradas desde y hacia la Educación**, Uruguay - Montevideo, n.2, 2017.

RENGEL, L. **Os temas de movimento de Rudolf Laban (I-II-III-IV-V-VI-VII-VIII):** modos de aplicação e referências. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Laban**. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2005.

RIED, B. **Fundamentos de Dança de Salão:** programa internacional de dança de salão; dança esportiva internacional. Londrina: Midiograf, 2003.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VALLE, F. P. & ICLE, G. Contraconduta como criação jogos de enunciações na e sobre a dança. **Repertório**, Salvador, n. 23, p.145-156, 2014.